

INSATISFAÇÃO CORPORAL E COMPORTAMENTOS DE RISCO PARA DOENÇAS CRÔNICAS NÃO TRANSMISSÍVEIS EM ADOLESCENTES DO BRASIL

MELICE GOMES DE FREITAS CANEZ¹; LEONARDO POZZA DOS SANTOS²

¹*Universidade Federal de Pelotas – melicefreitas@gmail.com*

²*Universidade Federal de Pelotas – leonardo_pozza@yahoo.com.br*

1. INTRODUÇÃO

Por serem multifatoriais, as doenças crônicas não transmissíveis (DCNT) possuem inúmeros fatores comportamentais envolvidos no seu desenvolvimento, com destaque para os hábitos de vida modificáveis como a obesidade, alimentação inadequada, consumo de bebidas adoçadas com açúcar (refrigerantes, sucos de caixa ou lata e refrescos) e inatividade física.

Os comportamentos de risco para DCNT, como inatividade física, comportamento sedentário e consumo de bebidas adoçadas possuem inúmeros determinantes. Diferenças no nível socioeconômico dos indivíduos, na escolaridade, no gênero, na idade e na cor da pele, por exemplo, estão associadas à adoção de comportamentos de risco para DCNT (MALTA et al., 2021; MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2021a; VIOLAN et al., 2014). No entanto, ainda se sabe pouco sobre o papel da insatisfação corporal sobre tais comportamentos, especialmente em adolescentes.

A insatisfação corporal pode ser definida como uma alteração negativa na percepção do próprio corpo e está presente, em sua maioria, nos adolescentes, uma vez que tal faixa etária passa por diversas mudanças sociais, psicológicas e físicas, além de ser frequentemente exposta às mídias sociais que propagam padrões corporais específicos, favorecendo a busca por um corpo ideal e fomentando comparações (“IJERPH | Free Full-Text | Social Media Use and Body Dissatisfaction in Adolescents: The Moderating Role of Thin- and Muscular-Ideal Internalisation”, [s.d.]; UCHÔA et al., 2019).

A hipótese por trás da associação entre insatisfação corporal e comportamentos de risco para DCNT é que a primeira pode ser precedente para o desenvolvimento de múltiplos fatores de risco para o desencadeamento de DCNT em faixas etárias futuras. Nesse sentido, o presente estudo é importante, pois traz uma nova perspectiva de avaliação da associação entre insatisfação corporal e DCNT, tendo a primeira como exposição. Considerando o exposto, o estudo teve como objetivo analisar a associação entre insatisfação corporal e comportamentos de risco para DCNT em adolescentes do Brasil.

2. METODOLOGIA

Trata-se de um estudo transversal com dados da 4^a edição da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE) de 2019. Conduzida pelo IBGE em parceria com o Ministério da Saúde e com assistência do Ministério da Educação, a PeNSE visa coletar informações sobre fatores de risco e proteção à saúde dos estudantes. A pesquisa utiliza um questionário eletrônico autoaplicável para investigar aspectos como alimentação, atividade física, uso de substâncias e saúde mental dos escolares. A amostra de 2019 foi selecionada em dois estágios: primeiro, escolas

com turmas do 7º ano do ensino fundamental ao 3º ano do ensino médio foram escolhidas; depois, turmas específicas dentro dessas escolas. Foram incluídas escolas de 53 estratos geográficos, totalizando 106 estratos, considerando dependência administrativa (pública ou privada) e localização (capitais e municípios fora das capitais). Aproximadamente 188 mil estudantes de 13 a 17 anos participaram, respondendo ao questionário via smartphones. Os questionários abordaram temas como alimentação, atividade física, segurança e políticas de saúde, tanto para alunos quanto para o ambiente escolar.

A insatisfação corporal, variável de exposição do estudo, foi definida pela resposta dos estudantes à pergunta: “Como você se sente em relação ao seu corpo?”, sendo classificados como insatisfeitos aqueles que responderam insatisfeito(a) ou muito insatisfeito(a). Como desfecho, foram avaliados três comportamentos de risco para DCNT: consumo regular de refrigerantes, comportamento sedentário e inatividade física. O consumo regular de refrigerantes foi identificado pela pergunta: “Nos últimos sete dias, em quantos dias você tomou refrigerante?”, classificando como consumo regular aqueles que reportaram consumir refrigerantes em cinco ou mais dias na semana (TAVARES et al., 2014). A inatividade física foi definida por menos de 60 minutos de atividade física diária, conforme o Guia de Atividade Física para a População Brasileira (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2021b). O comportamento sedentário foi avaliado pela pergunta sobre horas diárias sentadas em atividades como assistir TV, jogar videogame e usar dispositivos eletrônicos, classificando como sedentários aqueles que passavam duas ou mais horas por dia nessas atividades.

As características socioeconômicas e demográficas dos estudantes, juntamente com a insatisfação corporal e comportamentos de risco para DCNT, foram descritas por frequências absolutas e relativas. A associação entre insatisfação corporal e comportamentos de risco para DCNT foi avaliada a partir de modelos de regressão de Poisson brutos e ajustados, com nível de significância de 5%. Os resultados foram expressos em razões de prevalência (RP), ajustando-se para fatores socioeconômicos e demográficos utilizando o software Stata, versão 16.1.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O estudo incluiu 157.573 estudantes com informações disponíveis sobre insatisfação corporal, destacando que a prevalência dessa condição foi de 20,9%, sendo mais prevalente em meninas (29,1%) do que em meninos (12,4%). A análise revelou que a insatisfação corporal se associou a uma maior prevalência de comportamentos de risco para doenças crônicas não-transmissíveis (DCNT). Em particular, indivíduos insatisfeitos com o próprio corpo apresentaram maior prevalência de consumo regular de refrigerantes e comportamento sedentário, especialmente entre meninas, além de maior inatividade física em meninos. Mesmo após ajustes para fatores de confusão, essas associações se mantiveram significativas, ressaltando a importância da insatisfação corporal como um possível preditor desses comportamentos prejudiciais à saúde (Tabela 1).

Tabela 1 – Associação entre os comportamentos de risco para DCNT e insatisfação corporal nos estudantes participantes da PeNSE 2019, Brasil, 2019 (N = 159.245).

Insatisfação corporal	Consumo regular de refrigerantes	
	Meninos	Meninas
	Média (IC95%)	Média (IC95%)
Análise bruta		
<i>Valor-p</i>	0,359	<0,001
Não	1,00	1,00
Sim	1,05 (0,95-1,16)	1,14 (1,06-1,23)
Análise ajustada		
<i>Valor-p</i>	0,718	0,128
Não	1,00	1,00
Sim	0,98 (0,88-1,10)	1,07 (0,98-1,17)
Comportamento sedentário		
Insatisfação corporal	Meninos	Meninas
	Média (IC95%)	Média (IC95%)
Análise bruta		
<i>Valor-p</i>	<0,001	<0,001
Não	1,00	1,00
Sim	1,27 (1,22-1,31)	1,38 (1,35-1,42)
Análise ajustada		
<i>Valor-p</i>	<0,001	<0,001
Não	1,00	1,00
Sim	1,22 (1,17-1,27)	1,29 (1,25-1,33)
Inatividade física		
Insatisfação corporal	Meninos	Meninas
	Média (IC95%)	Média (IC95%)
Análise bruta		
<i>Valor-p</i>	<0,001	0,011
Não	1,00	1,00
Sim	1,05 (1,02-1,07)	1,01 (1,0-1,02)
Análise ajustada		
<i>Valor-p</i>	<0,001	0,083
Não	1,00	1,00
Sim	1,05 (1,02-1,08)	1,01 (1,0-1,02)

A insatisfação corporal foi associada, ainda, a um maior acúmulo de dois ou mais fatores de risco para DCNT em ambos os sexos. Meninos com insatisfação corporal apresentaram uma prevalência 22% maior de acúmulo de dois ou mais fatores de risco para DCNT ($RP = 1,22$; IC95% 1,17 – 1,28) e meninas apresentaram uma prevalência 25% maior ($RP = 1,24$; IC95% 1,20 – 1,28), independente dos fatores de confusão incluídos na análise. Isso destaca a necessidade de políticas públicas que incentivem hábitos saudáveis desde cedo.

4. CONCLUSÕES

Conclui-se que adolescentes insatisfeitos com o corpo têm maior risco de problemas de saúde relacionados a comportamentos de risco, consumo regular de refrigerantes, sedentarismo e inatividade física. É importante realizar mais estudos longitudinais para esclarecer a relação causa-efeito entre insatisfação corporal e riscos para DCNT. Políticas públicas devem incentivar a prática de atividade física,

reduzir o tempo sedentário e promover hábitos alimentares saudáveis desde a infância.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Diretriz: Ingestão de Açúcares para Adultos e Crianças. [s.l.] Organização Mundial da Saúde, 2015.

IBGE, C. DE P. E I. S. (ED.). **Pesquisa nacional de saúde do escolar: 2019.** Rio de Janeiro, RJ: Ibge, 2021.

IJERPH | Free Full-Text | Social Media Use and Body Dissatisfaction in Adolescents: The Moderating Role of Thin- and Muscular-Ideal Internalisation. Disponível em: <<https://www.mdpi.com/1660-4601/18/24/13222>>. Acesso em: 2 ago. 2023.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE (ÚLTIMO); MINISTÉRIO DA SAÚDE; MINISTÉRIO DA ECONOMIA. Pesquisa Nacional de Saúde 2019 Ciclos da Vida Brasil. , 2021. Disponível em: <<https://www.pns.icict.fiocruz.br/wp-content/uploads/2021/12/liv101846.pdf>>

MALTA, D. C. et al. Socioeconomic inequalities related to noncommunicable diseases and their limitations: National Health Survey, 2019. **Revista Brasileira de Epidemiologia**, v. 24, n. suppl 2, p. e210011, 2021.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. Plano de Ações Estratégicas para o Enfrentamento das Doenças Crônicas Não Transmissíveis (DCNT) no Brasil 2021-2032. , 2021a. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/svsa/doencas-cronicas-nao-transmissiveis-dcnt/09-plano-de-dant-2022_2030.pdf>

MINISTÉRIO DA SAÚDE. GUIA DE ATIVIDADE FÍSICA PARA A POPULAÇÃO BRASILEIRA. , 2021b. Disponível em: <https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/guia_atividade_fisica_populacao_brasileira.pdf>

SAÚDE, M. DA. Vigite Brasil 2021: estimativas sobre frequência e distribuição sociodemográfica de fatores de risco e proteção para doenças crônicas nas capitais dos 26 estados brasileiros e no Distrito Federal em 2021. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2022.

TAVARES, L. F. et al. Validade relativa de indicadores de práticas alimentares da *Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar* entre adolescentes do Rio de Janeiro, Brasil. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 30, p. 1029–1041, maio 2014.

UCHÔA, F. N. M. et al. Influence of the Mass Media and Body Dissatisfaction on the Risk in Adolescents of Developing Eating Disorders. **International Journal of Environmental Research and Public Health**, v. 16, n. 9, p. 1508, jan. 2019.

VIOLAN, C. et al. Prevalence, Determinants and Patterns of Multimorbidity in Primary Care: A Systematic Review of Observational Studies. **PLoS ONE**, v. 9, n. 7, p. e102149, 21 jul. 2014.